

RELATOS DE VIAJANTES DO SÉCULO XIX: O CORPO NEGRO FEMININO E A ESTÉTICA DO PITORESCO

Travelers' Reports from the 19th Century: The Black Female Body and the Aesthetics of the Picturesque

Ribeiro, Vanhise da Silva; Doutoranda; Universidade Federal da Bahia, hiseribeiro@yahoo.com.br¹

Resumo:

Através das narrativas estrangeiras alcançamos o corpo negro feminino em sua performance habitual nos oitocentos. Dentre as que elegem o corpo como lócus de observação e de deleite, destacamos os relatos de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no século XIX. Os seus escritos nos apresentam, visões etnocêntricas, predileções e interesses condicionados a um mercado editorial, ávido pela ideia de explorar o exótico, o pitoresco, o inusitado e o exuberante nos novos domínios imperiais do além-mar. Assim, buscamos através desses relatos, desvendar o corpo negro feminino e a estética do pitoresco.

Palavras chave: Corpo negro; estética; pitoresco.

Abstract:

Through foreign narratives we reach the black female body in its usual performance in the 1800s. Among those that choose the body as a locus of observation and delight, we highlight the reports of foreign travelers who were in Brazil in the 19th century. His writings present us with ethnocentric visions, predilections and interests conditioned by a publishing market, eager for the idea of exploring the exotic, the picturesque, the unusual and the exuberant in the new imperial domains overseas. Thus, we seek, through these reports, to unveil the black female body and the aesthetics of the picturesque.

Keywords: Black body; aesthetics; picturesque.

¹ Mestre em Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutoranda do Programa Multidisciplinar em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.



Introdução

Através das narrativas estrangeiras alcançamos o corpo negro feminino em sua performance habitual nos oitocentos. Dentre as que elegem o corpo como lócus de observação e de deleite, destacamos os relatos de viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no século XIX. A chegada da Família Real ao Brasil e a abertura dos portos às nações amigas² instauram um momento ímpar para historiografia nacional e, consequentemente, para a *literatura de viagem*³, ao explorar os modos de vida na colônia, a sua gente, seus usos e costumes. Estranhos ao ambiente à que se propunham desbravar, os viajantes apresentam em seus relatos, visões etnocêntricas, predileções e/ou interesses condicionados a um mercado editorial, ávido pela ideia de explorar o exótico, o pitoresco, o inusitado e o exuberante nos novos domínios imperiais do além-mar. Assim, buscamos através desses relatos desvendar o corpo negro e a estética do pitoresco. Todavia, aspiramos validar narrativas outras, através da ressignificação desses corpos, já que buscamos uma leitura sensível e empática do corpo, não apenas enquanto *corpo vestido*, mas como *'corpo próprio'*⁴ (MERLEAU-PONTY, 1999). Compartilhando com Merleau-Ponty a concepção de carnalidade da experiência humana, Le Breton (2016, p. 13) acredita que 'o mundo do homem é o mundo da carne, uma construção nascida de sua sensorialidade passada ao crivo de sua condição social e cultural, de sua história pessoal, de sua atenção ao seu meio'. Para o autor, embora as percepções sensoriais formem espectros de significações sobre o mundo, elas são sempre configuradas em função dos sistemas culturais compartilhados e das sensibilidades particulares do indivíduo. Assim, reconhecemos a movência e a espacialidade dos corpos negros femininos que, nas zonas urbanas brasileiras, construíram, a partir de suas experiências e dos seus modos de vida, uma aparência negra efusiva e marcante, fruto do intercâmbio cultural, étnico e religiosos existente no Brasil. Conforme Biasin (2011, p. 24), embora os relatos de viagem tenham ajudado na configuração de uma imagem de Brasil, não se trata de conferir se condiziam com a realidade e '[...] mas sim indicar as impressões referentes ao *outro*, construtoras de representações sociogeográficas do lugar'.

² Carta Régia promulgada em Salvador pelo Príncipe Regente de Portugal Dom João de Bragança, no dia 28 de janeiro de 1808.

³ Termo usado por Ilka Boaventura Leite no livro: "Antropologia da Viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX", de 1996, como forma de caracterizar esse gênero literário.

⁴ Noção desenvolvida pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, no livro *Fenomenologia da Percepção*. Na obra, o autor busca restituir ao corpo a sua ligação com o mundo, reconhecendo a capacidade do corpo de propiciar ao homem toda e qualquer condição real de acesso ao mundo. Para Merleau-Ponty o termo *corpo próprio* é encarado como uma dimensão sensível, consciente e atuante no trânsito das experiências para com o outro, com o mundo e consigo mesmo. Nas palavras do autor: "Ser uma consciência, ou, antes, *ser uma experiência*, é comunicar interiormente com o mundo, com o corpo e com os outros, ser com eles em lugar de estar ao lado deles" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 142).

Registros de viajantes estrangeiros no Brasil dos oitocentos

No século XIX, encontramos na experiência perceptiva e na aguçada curiosidade dos viajantes estrangeiros, uma variedade de relatos que nos auxiliam a compor o corpo negro feminino em sua linguagem corporal e em sua aparição; percebido pelo olhar de quem o observa, o decodifica e o traduz.

Nesse período, diversos viajantes estrangeiros visitaram a colônia portuguesa, tendo como atrativos as riquezas naturais e as possibilidades de exploração científica e/ou econômica do Novo Continente. Embora, a presença estrangeira no Brasil tenha ocorrido de forma mais modesta nos séculos anteriores, mais especificamente, a partir de relatos de cronistas que datam do século de XVI⁵ e de forma mais efetiva e direcionada em fins do século XVII⁶, é ao longo dos oitocentos que ela se torna mais intensa, apoiada inclusive, pelas novas ambições do Império Português.

A chegada da Família Real e a abertura dos portos às nações amigas e ao comércio exterior⁷, consagram um novo momento para historiografia nacional e, conseqüentemente, para a *literatura de viagem*⁸, que se vê implicada nas amplas possibilidades de pesquisa, registro e exploração dos domínios coloniais.

Portanto, é a partir dos oitocentos, que passamos a encontrar de forma mais generosa, a presença de uma diversidade de relatos e narrativas que descrevem a vida, os usos e os costumes dos brasileiros e, inclusive, a hodiernidade do corpo negro feminino, bem como a sua expressividade nesse período.

Dentre os relatos, encontramos viajantes de ambos os sexos, de classe social variada, além de formação intelectual e profissional bastante diversificada. Neles, os viajantes nos apresentam, através das suas perspectivas, as suas impressões sobre a colônia luso-americana, além de aspectos típicos da vida dos brasileiros, tais como a sua gente, suas sociabilidades, seus usos e costumes, como também a exuberante natureza, amplamente, referenciada nesses descritivos.

A chamada *literatura de viagem*, aborda relatos preciosos publicados sobre o Brasil e se constitui numa série de observações, registros e testemunhos que nos ajudam a compreender a realidade social brasileira ao longo dos séculos. Sobre essa literatura, a antropóloga Ilka Boaventura Leite, acredita que ela:

⁵ Destacam-se nesse período os relatos do viajante e mercenário alemão Hans Staden, que realizou duas viagens ao Brasil no século XVI, sendo em uma delas capturado e preso por tupinambás. Seus relatos foram publicados na Alemanha em 1557, ficando conhecidos no Brasil pelo título: “Duas viagens ao Brasil”. Destacamos também os relatos do calvinista, missionário e escritor francês, Jean de Lévy, que chegou ao Brasil junto a uma missão francesa encarregada por implementar uma colonização no sul do Brasil, a França Antártida, com sede na Baía da Guanabara, atual Rio de Janeiro. Seus relatos publicados em 1578, no livro “Viagem à terra do Brasil”, abordam as experiências vivenciadas na sua estada de quase um ano no Brasil, trazendo uma narrativa carregada de estilo, além de relatos e descrições sobre a fauna e a flora do Brasil, bem como os costumes e modos de vida dos povos indígenas.

⁶ Conforme Domingues (2001), foi na segunda metade dos setecentos que se realizaram viagens científicas às colônias, articulando uma rede de informações, financiadas e sustentadas pelo império português.

⁷ Carta Régia promulgada em Salvador pelo Príncipe Regente de Portugal Dom João de Bragança, no dia 28 de janeiro de 1808. A Corte no Brasil: Abertura dos Portos. Disponível em: http://historiacolonial.arquivonacional.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5223&Itemid=277. Acesso em: 19 set. 2023.

⁸ Termo usado pela antropóloga Ilka Boaventura Leite no livro: “Antropologia da Viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX”, publicado 1996, como forma de caracterizar esse gênero literário.

[...] une exploração, aventura, aprimoramento e objetividade científica, constituindo-se como um tipo único de expressão. Nem objetividade científica, nem propriamente ficção, porém o texto *situando-se entre uma e outra*. A riqueza está justamente aí, no trânsito que transforma observação, escrita e leitura em viagem. Ou vice-versa” (LEITE, 1996, p. 101).

O caráter híbrido desse gênero literário contribuiu, significativamente para a ampliação do conhecimento sobre a colônia portuguesa nos primeiros séculos pós ‘achamento’⁹ do Brasil. A política de domínio e colonização implementada pelo Império português após a conquista, baseava-se na exploração de riquezas e na proteção e monopólio territorial, o que dificultava o acesso de estrangeiros à colônia, havendo portanto, registros bastante incipientes nesse período.

Esse posicionamento da Coroa Portuguesa começa a mudar em fins dos setecentos, quando, conforme Domingues (2001, p. 824), eclodem tensões de ordem político-diplomáticas¹⁰, como também ascende a necessidade de conhecer melhor os domínios e as potencialidade econômicas do Império, resultando na ‘realização de um enorme esforço de renovação do conhecimento que envolveu indivíduos e instituições e que foi, em grande medida, promovido, financiado e suportado pelo Estado’.

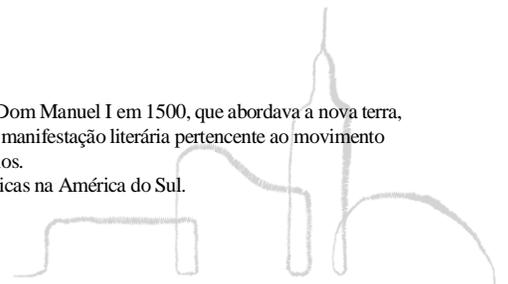
Embora esse esforço tenha estimulado a atividade científica nos domínios do Império lusitano e, mais especificamente no Brasil, é ao longo do século XIX que os registros se tornam mais abundantes, principalmente, após chegada da família real ao Brasil, já que se inaugura um período de intenso incremento das navegações e do comércio exterior e, conseqüentemente, da presença estrangeira no Brasil.

Uma questão primordial na análise dessa *literatura de viagem* é compreender a perspectiva desses sujeitos, que são estranhos ao ambiente natural e sociocultural à que se propunham explorar e interpretar, mas perspicazes em relação a nuances, detalhes e circunstâncias observadas que, oportunamente, passam despercebidas às populações nativas e/ou residentes no Novo Continente. Todavia, seus relatos podem também apresentar premissas repletas de inferências estereotipadas e visões de mundo pautadas em áreas de formação ou em experiências e vivências próprias do viajante.

De fato, muitas percepções e trajetórias discursivas, resvalam, quase sempre, em visões etnocêntricas, predileções contextuais ou mesmo, condicionadas ao interesse dos viajantes e/ou dos seus financiadores, como também à recepção de um público fruidor que, em alguma medida, condiciona o foco, a ênfase e o tom da narrativa realizada pelos viajantes estrangeiros em solo brasileiro.

⁹ Termo utilizado por Pero Vaz de Caminha, escrivão português que redigiu o primeiro documento oficial, endereçado a Dom Manuel I em 1500, que abordava a nova terra, posteriormente, denominada de Brasil. O documento é considerado um marco da literatura brasileira, tida como primeira manifestação literária pertencente ao movimento Quinhentista. Nele, Pero Vaz de Caminha aborda as primeiras impressões do referido território e dos seus povos originários.

¹⁰ Domingues (2001) salienta como fator preponderante de tais tensões, a demarcação de limites entre as monarquias ibéricas na América do Sul.



Grande parte dos registros que retratam as múltiplas visões do Brasil eram direcionados a um mercado editorial europeu, ávido pela ideia de explorar o exótico, o pitoresco, o inusitado e o exuberante nos novos domínios imperiais do além-mar. Todavia, essa *literatura de viagem* soube explorar também o imaginário das nações ditas “civilizadas”, acerca da diversidade dos povos e das paisagens que se encontravam do outro lado do Atlântico.

A *literatura de viagem* se constitui, portanto, no resultado dos diversos olhares que buscavam, de algum modo, decifrar a realidade de um dado contexto, levando em consideração as múltiplas perspectivas incorporadas aos novos domínios territoriais, ampliando e lapidando o conhecimento acerca da realidade paisagística e sociocultural brasileira.

Doutora em História, a pesquisadora Olívia Biasin Dias, acredita que os relatos de viajantes ‘[...] construíam uma geografia imaginária do lugar e serviam de referências para futuros viajantes e leitores em geral [...]’ (BIASIN, 2013, p. 19). Convém também salientar, que essa modalidade de literatura teve um papel fundamental na constituição do imaginário acerca do Brasil, dos seus habitantes e dos seus costumes, inclusive, ao elencar fatores que poderiam ‘[...] auxiliar o Brasil a progredir e alcançar um grau satisfatório de civilização’ (BIASIN, 2013, p 21).

De certo, os relatos de viagem ajudaram na configuração de uma imagem de Brasil, até mesmo para os próprios brasileiros¹¹, ‘[...] através das descrições geográficas e da constituição racial e cultural do povo, já que nesse período as configurações física e humana do país eram pouco conhecidas’ (BIASIN, 2013, p. 19). Em sua análise, a historiadora acredita que não se trata de conferir se as descrições condiziam com a realidade, ‘[...] mas sim indicar as impressões referentes ao *outro*, construtoras de representações sociogeográficas dos lugares’ (*Idem, ibidem*).

Tal aspecto, ressaltado por Biasin (2013), converge em nosso estudo para aquilo que acreditamos ser essencial na análise dos relatos de viagem – evidenciar as impressões dos viajantes estrangeiros acerca daquilo que se propuseram a observar e registrar –, tendo em vista as cenas do cotidiano, os modos de vida das populações observadas e sua aparência negra feminina. Impressões que colocam em cheque a experiência da alteridade, o contato com o “outro” e as múltiplas perspectivas incorporadas à configuração do olhar estrangeiro acerca do que lhe é desconhecido, diferente e, por vezes, como veremos, ‘naturalmente’ inferior.

Conforme destaca Leite (1996, p. 98) ‘no contexto das viagens do século XIX, o relato constitui-se como uma pré-etnografia, um exercício de observação que não inclui a discussão do lugar do olhar’¹². Aspecto

¹¹ Segundo Biasin (2013) a maioria dos títulos foi publicada no Brasil, em português, apenas no século XX. As narrativas, em geral eram publicadas nos países de origem dos viajantes, podendo ser inicialmente acessadas, em língua estrangeira, por intelectuais nacionais.

¹² Conforme Leite (1996, p. 98) “a perspectiva do lugar do observador irá constituir o problema central da Antropologia, sobretudo a partir da obra de Malinowski”.

extremamente necessário para se compreender a perspectiva autoral, os diversos contextos e a relevância dessas narrativas que versam sobre o outro, em grande medida, descrições feitas sobre a égide da superioridade europeia. Nesse sentido, ainda segundo Leite (1996), vale destacar que:

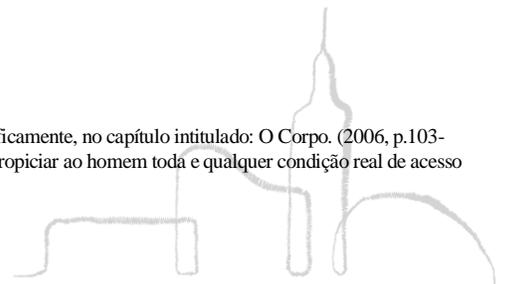
“O caráter “desigual” do contato entre os viajantes estrangeiros e os indivíduos e grupos locais, sobretudo os escravos, impossibilitava um tipo de troca, em última instância, que viria a deslocar o eixo do olhar, revelando diversos Outros, menos à imagem e semelhança, menos “objetos” de afirmação do europeu” (LEITE, 1996, p. 99).

Assim, reconhecendo o caráter desigual das relações e as peculiaridades daqueles que se propuseram a observar, significar e registrar a realidade sociocultural brasileira nos oitocentos, buscamos através dos registros de viagem, desvendar o corpo negro e as suas visibilidades, apoiando a nossa análise sobre as impressões dos viajantes estrangeiros, contidas nos relatos daqueles que estiveram no Brasil nas primeiras décadas do século XIX. Vale ressaltar, que buscamos identificar nesses relatos, o corpo negro feminino e a estética do pitoresco, visando desvendar a dimensão excêntrica, exótica e insólita sobre a gente de cor, pois em grande parte dos relatos, vislumbramos a construção de uma estética que alia deslumbramento e fascínio, mas também estranheza, indiferença e depreciação.

Todavia, embora a nossa compreensão acerca da aparência do corpo negro feminino se paute em caracterizações vestimentares e performáticas, percebidas e registradas pelos viajantes estrangeiros, acreditamos ser possível validar narrativas outras, através da ressignificação dos corpos negros, já que buscamos uma leitura sensível e empática que dimensione o corpo, não apenas enquanto *corpo vestido*, mas como ‘*corpo próprio*’¹³, como exemplar sensível e atuante no trânsito das experiências para com o outro e com o mundo, pois trata-se de reconhecer o ‘[...] corpo não mais como objeto no mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele [...]’ (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 136).

Compartilhando aspectos da filosofia Merleau-Pontyana, como a concepção de carnalidade da experiência humana, o sociólogo, antropólogo e psicólogo francês, David Le Breton (2016, p. 13) acredita que ‘o mundo do homem é o mundo da carne, uma construção nascida de sua sensorialidade passada ao crivo de sua condição social e cultural, de sua história pessoal, de sua atenção ao seu meio’. Para o autor, embora as percepções sensoriais resultem em significações acerca do mundo, elas são sempre conformadas em função da cultura a que o indivíduo pertence, bem como das sensibilidades peculiares do mesmo.

¹³ Noção desenvolvida pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, no livro *Fenomenologia da Percepção*, mais especificamente, no capítulo intitulado: O Corpo. (2006, p.103-110). Para o autor o termo busca restituir ao corpo a sua ligação com o mundo, reconhecendo a capacidade do corpo de propiciar ao homem toda e qualquer condição real de acesso ao mundo.



Infere-se, portanto, que cada cultura gesta em suas dinâmicas, possibilidades perceptivas e sensoriais peculiares que, podem variar em função do grupo social, da geração, do sexo e/ou dos indivíduos que compõem essa coletividade. Desse modo, nada escapa às construções socioculturais, pois ‘as coisas não existem em si, elas são sempre investidas de um valor que as torna dignas de serem percebidas. A configuração e o limite do desdobramento dos sentidos pertencem ao traçado da simbólica social’ (LE BRETON, 2016, p. 15).

Assim, atentando para as peculiaridades dos sentidos de quem percebe, significa e registra a realidade sociocultural no Brasil do século XIX, evidenciamos a movência e a espacialidade dos corpos negros femininos que, nas principais zonas urbanas do Brasil, representavam a mão de obra ativa e atuante, em quase todos os setores do mercado de trabalho, demonstrando a riqueza estética e cultural da aparência negra feminina que, embora tenha sido enxertada de exotismo e excentricidade, ascende como emblema de beleza e resistência.

O Corpo negro feminino como objeto de observação

Nas zonas urbanas brasileiras e, em especial, nas principais cidades portuárias¹⁴ do século XIX, eram as mulheres negras – africanas e crioulas – que, em grande medida, constituíam o fluxo do trabalho informal urbano. Imprimiam à paisagem um movimento vívido, diversificando a oferta de serviços e/ou produtos ao atuarem como domésticas, ganhadeiras, ambulantes, mercadejas, quitadeiras, lavadeiras, engomadeiras, etc.

Para além das casas dos senhores, a atuação negra feminina perfazia a extensão das cidades e arredores, seja através do desenvolvimento das atividades de ganho, do trabalho negro livre ou alugado¹⁵ ou através das atividades comerciais, pela revenda de artigos que chegavam através dos portos das cidades litorâneas.

Segundo Marcondes (2012), que analisa o mercado brasileiro através do comércio de cabotagem¹⁶ havia, no século XIX, uma ativa movimentação de mercadorias entre as províncias com intensa movimentação de gêneros alimentícios destinados ao consumo interno.

Tomando como exemplo a cidade de Salvador, diversas crises vividas pela economia baiana, no início do século XIX provocaram, segundo Soares (1994, p. 19), ‘[...] o aumento do custo de vida em geral, sobretudo porque atingiram os setores de produção de alimentos, também agravadas por secas periódicas’. Neste ínterim, convém destacar a atuação das mulheres negras, classe de trabalhadoras que monopolizavam a venda de artigos de primeira necessidade.

¹⁴ Segundo Marcondes (2012), Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul despontavam, no início do século XIX, como os principais portos da colônia pela ativa movimentação de mercadorias.

¹⁵ Conforme Soares (1994, p. 22), trata-se de “negras livres e libertas que ‘se alugavam’, conforme terminologia da época” para trabalhar em diversos setores da economia escravista.

¹⁶ Navegação mercante ao longo da costa e, especialmente, entre portos do mesmo país, por oposição a navegação de longo curso. [Dicionário Online de Português] Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em: 15 ago. 2024.

Para o vice-cônsul britânico na Bahia, James Wetherell (1972, p. 39), havia ‘um verdadeiro monopólio no que diz respeito à venda dos artigos comestíveis’. Segundo o diplomata, o peixe, por exemplo, era vendido, exclusivamente, às ganhadeiras, que recebiam todo o pescado para revenda direta ao consumidor. O mesmo acontecia com a distribuição das frutas, repassadas às mãos das ganhadeiras do mercado, que influenciavam nos altos preços atingidos por esses produtos (*idem, ibidem*).

Conforme Soares (1994, p. 20), ‘além de circularem com tabuleiros, gamelas e cestas habilmente equilibradas sobre as cabeças, as ganhadeiras ocupavam ruas e praças da cidade destinadas ao mercado público e feiras livres, onde vendiam de quase tudo’. Eram essas mulheres as responsáveis pela diversificação da oferta de artigos, produtos e gêneros indispensáveis à subsistência nas zonas urbanas.

Para Wetherell (1972), os mercados da cidade de Salvador, concorriam como um dos mais exóticos encontrados na cidade. Denota-se que, por seu público, não raro, o mesmo exibia características similares ao do país africano. ‘O mercado é um dos lugares mais pitorescos da cidade e pessoas que viajaram pela costa da África disseram-me que é muito similar aos que viram por lá’ (WETHERELL, 1972, p. 41).

Comparações em voga, podemos observar pelos descritivos do vice-cônsul, que ‘pitorescos’ eram também os trajés das ‘vendedoras pretas do mercado’ (*idem, ibidem*) que, debaixo de toldos improvisados e/ou verdadeiras cabanas, feitas com esteiras, garantiam a sua sobrevivência. Sobre a aparência negra feminina das ganhadeiras do mercado, ascende a figura da mulher preta exótica, que redesenha no cenário urbano, através de sua aparição e atuação um movimento potencial de grande expressividade, perceptível aos olhares estrangeiros. Conforme Wetherell:

Vestem trajés característicos dos mais pitorescos, todos do mesmo modelo, mas de fazendas das mais diversas cores, colorindo o cenário urbano. Algumas carregam os seus filhos nas costas, amarrados num “Pano da Costa” (chale [*sic*] de pano da costa), enquanto outras misturam-nos [*sic*] no meio das pesadas cestas de frutas que carregam na cabeça (WETHERELL, 1972, p. 41).

O mercado da cidade, figura para o vice-cônsul como uma cena barulhenta, divertida, mas também das mais curiosas que tenha presenciado. Assim, em seu relato, destaca ainda percepções outras, dentre as quais a grande diversidade de contextos, indivíduos, atividades, cores, ânimos e sons. Segundo ele:

Ali uma preta visita umas amigas: veste o seu traje de dia de festa, suas mãos estão carregadas de anéis, seu pescoço e os punhos cobertos com correntes de ouro pesado, jóias [*sic*] que ela ostenta constantemente ao acertar e modificar a posição do seu chalé [*sic*]. Em outra parte do mercado, o ‘tabaréu’, ou camponês, com seu chapéu e sua veste de couro, de rosto e membros tostados, quase da cor de sua vestimenta, pode ser visto fiscalizando a venda das caixas de ‘rapadura’. Ganhadores meio nús [*sic*] trabalhavam ativamente, carregando e descarregando frutas e o contraste do escuro daqueles homens com o colorido do mercado concorre para contemplar o brilhante do quadro. O constante ruído das conversas, o chiar dos papagaios e outros bípedes de penas, o riso das mulheres e dos homens, os gritos e o ralar dos patrões animam constantemente o cenário. O barulhão é por vezes [*sic*], como se isso ainda fôsse [*sic*] possível, aumentado

pela banda de música, o repicar dos sinos, o estalar dos foguetes ou o aparecimento da procissão do Espírito Santo, acompanhada de tambores [1848]. (WETHERELL, 1972, p. 41, grifos nossos).

Assim era a descrição do mercado, sob percepção estética de um jovem diplomata britânico, que viveu no Brasil por 15 anos, de 1842 a 1857. O alto grau de dinamismo e diversidade desse ambiente no relato, nos sugere ser um local que movimentava a vida socioeconômica nas zonas portuárias brasileiras. Destacamos neste descritivo, a característica ativa, objetiva e laboriosa, mas também a tipicidade de um ambiente marcado pela heterogeneidade de pessoas, experiências, estímulos e sensações próprias às formas de sociabilidades urbana nos oitocentos.

Vale salientar que as notas reunidas no livro *Brasil: apontamentos sobre a Bahia*, escritas pelo diplomata trazem, inclusive, anotações de quando o mesmo tinha apenas vinte e um anos de idade. Todavia, é proeminente em seus apontamentos¹⁷, uma sensibilidade peculiar a um jovem estrangeiro, fato que demonstra a sua grande capacidade de observação, mas também um certo estranhamento com relação aos hábitos e costumes das populações residentes no Brasil, aspectos que são reunidos no descritivo pelo seu grau de exotismo e excentricidade.

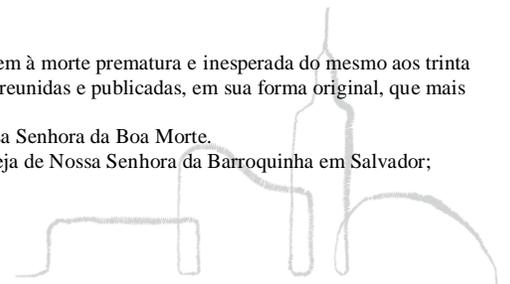
Do relato trazido anteriormente, destacamos também o vestuário negro feminino, usado tipicamente em dias de festa (religiosa, inclusive) como um dos estímulos visuais que não passam imperceptíveis ao olhar do diplomata. Esse vestuário luxuoso e ostentatório, que incorpora em sua composição joias em profusão é denominado como *traje de gala*¹⁸. No século XIX, o uso dessa composição vestimentar por mulheres negras, identificou coletividades e se estabeleceu no cotidiano da sociedade oitocentista baiana como símbolo do prestígio social alcançado pelas adeptas da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte¹⁹. Esta confraria, eminentemente feminina, foi responsável pela solidificação de redes de solidariedade, fundamentais às diversas formas de sororidade e de luta por liberdade.

Muito embora os corpos negros despontassem, no século XIX, como insígnias da subalternidade e da escravização, dado ainda o expressivo contingente de negros escravizados no Brasil, tais relatos nos apresentam nuances significativas acerca do olhar estrangeiro sobre essas categorias, testemunhos de um período que nos ajudam a compreender o exótico, o inusitado e o exuberante na conformação de uma estética do pitoresco atribuída ao corpo negro feminino.

¹⁷ As notas do diplomata britânico James Wetherell foram publicadas por seus amigos como forma de homenagem à morte prematura e inesperada do mesmo aos trinta e seis anos de idade. Entre os bens encaminhados ao seu país de origem, constavam as anotações do diplomata, reunidas e publicadas, em sua forma original, que mais tarde foram traduzidas e publicadas no Brasil.

¹⁸ Traje utilizado usado categoricamente em contextos religiosos e festivos por congreiras da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte.

¹⁹ Irmandade afro-católica fundada aproximadamente nas primeiras décadas do século XIX, funcionando na Igreja de Nossa Senhora da Barroquinha em Salvador; tempo católico ligado às tradições de matriz africana.



Trazendo o relato do pintor, desenhista e militar inglês, Henry Chamberlain que, no século XIX empreendeu viagens pelo Brasil, ressaltamos nos seus descritivos as impressões que ultrapassavam as nuances e tonalidades das suas aquarelas. Tenente da Artilharia Real britânica e desenhista amador, Chamberlain buscou retratar em suas aquarelas, os estranhos costumes de um país tido por muitos viajantes como exótico e desconhecido. Todas são acompanhadas por descritivos e narrativas, que trazem um panorama significativo sobre os modos de vida dos habitantes da capital do Brasil Colônia, num período que se situa praticamente às vésperas da Independência.

O livro *Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820*, publicado em Londres no ano de 1820 – portanto, antes da Independência do Brasil –, possui trinta e seis litografias coloridas, feitas conforme os desenhos do autor, sendo um testemunho singular do Brasil dos oitocentos, sob a ótica de um viajante estrangeiro, militar de carreira.

Destacamos de sua obra o descritivo da aquarela denominada *Uma Barrada de Mercado*, na qual retrata um grupo de negros e negras e com seus hábitos corriqueiros:

A Praça da Lapa, cuja Igreja e edifícios adjacentes se vêem ao fundo, acha-se no caminho que vai à Glória, depois de passar pelos Jardins Públicos. Nesta praça é que é comemorada a festa do Espírito Santo. A barraca de mercado, aqui [sic] reproduzida, é igual às que geralmente se encontram nas áreas abertas da cidade. Sua construção é muito simples, sendo armada de manhã e desarmada à noite. Consiste apenas em quatro esteios retos e uma coberta de fôlhas [sic] de bananeira, para quebrar os raios abrasadores do sol. Estas barracas pertencem, em geral, a negras livres que negociam com aves, verduras, legumes e milho e, às vezes, também com pão e peixe frito. E' [sic] o ponto de reunião dos negros indolentes e tagarelas, vendo-se aqui [sic] alguns destes [sic] entregues à sua inclinação natural de escutar a conversa dos outros. Aí está um menino com uma cesta na cabeça, mandado pelo senhor para procurar emprego [sic], a discutir com a mulher da barraca. Atrai a atenção de outra negra, que traz na cabeça para vender vinho e cachaça (espécie de rum ordinário, aguardente comum no país) num taboleiro [sic], de uma outra que vende milho. [sic] de um ajudante de barbeiro, esquecido de que o freguês do patrão o espera ansiosamente e até da dona de uma Outra barraca, que a abandona por um instante, arrastada pela vontade irresistível de participar do mexerico (CHAMBERLAIN, 1943, p. 103).

Dessa descrição, podemos notar que embora não haja referência a um aspecto pitoresco da cena e/ou dos seus personagens, há no relato do tenente aquarelista uma referência ao exótico, ao extravagante e até mesmo burlesco dos costumes, como se a gente de cor, fosse ‘naturalmente’ inclinada à fofocas e mexericos. De todo modo, é salientado na cena a atividade laboriosa das mulheres negras, que com suas barracas, tabuleiros vendem toda espécie de gêneros e artigos diversos.

Ainda sobre esse exotismo usual, presente em grande parte dos relatos de viajantes estrangeiros sobre o Brasil e seus habitantes, encontramos nos relatos da pintora, desenhista e escritora britânica, Maria Graham, observações de caráter ordinário atribuídas a um grupo de mulheres negras. A escritora que esteve no Brasil durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823, inicialmente como membra da tripulação da Fragata Doris, navio-

escolta da Marinha de Guerra Britânica, comandada pelo capitão Thomas Graham, marido da escritora. Nessa expedição, Maria Graham tinha como função ser professora e instrutora dos jovens candidatos à oficiais da marinha, que realizavam uma longa viagem de instrução.

Toda viagem foi documentada por ela, resultando no *Diário de uma viagem ao Brasil*, publicado em Londres em 1824. Vale destacar que em suas paragens pelo Brasil, a escritora conheceu três das principais cidades portuárias do Brasil do século XIX, tendo estado Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Dentre os seus manuscritos, destacamos duas passagens datadas no ano de 1821, a primeira se refere a sua recém-chegada a Pernambuco e aos primeiros contados da escritora em terra firme.

Em 21 de setembro, a Fragata Doris havia alcançando a costa brasileira à altura da capitania de Pernambuco, encontrando o porto do Recife bloqueado e a cidade sitiada por motivo da insurreição da Junta Governativa de Goiana²⁰, ficando ancorada ao largo à espera de ordens para aportar. Maria Graham desembarcou no Recife no dia 24 de setembro, movida pela curiosidade de conhecer a cidade, apesar das recomendações do coronel Patrone²¹. No relato selecionado para o nosso estudo, a escritora descreve a sua estada em Pernambuco e o contexto político da capitania, mas também a graciosidade de jovens negras ganhadeiras, encontradas nos arredores do Recife nesse momento de intensa agitação política.

Quarta-feira, 3 de outubro. – [...] Numa dessas pequenas propriedades de família, encontramos uma bela e grande casa de guarda, colocada na encruzilhada de quatro caminhos. Af o nosso guia a pé nos deixou; um jovem e elegante oficial de caçadores²² brasileiros passou a cavalgar a nosso lado. Conversou conosco chamando Luís do Rêgo de tirano, e atribuindo o sítio de Pernambuco inteiramente à obstinação do governador em não unir-se [*sic*] ao povo da província para derrubar o domínio do seu senhor [D. João VI]. Em tórno [*sic*] da casa de guarda um grupo de jovens negras, de largos e rasos cestos na cabeça, vendiam frutas e água fresca. Tinham os cabelos lanudos ornados de guirlandas feitas de alteia escarlate, bem como as beiradas das cestas. Seus xales de azul claro ou brancos estavam atirados com graça por sobre os escuros ombros e as saias brancas. Era um quadro tal como os antigos espanhóis imaginariam o Eldorado²³ (GRAHAM, 1956, p. 126, grifos nossos).

Em outra passagem da escritora, já no Rio de Janeiro, capital do império português, Maria Graham descreve a paisagem natural de uma planície nos arredores do Corcovado, mas também atesta em seus manuscritos a aparência laboriosa de um grupo de lavadeiras negras que, conforme a escritora e desenhista britânica, ‘enriquecem’ o teor pitoresco de uma cena singular ao cotidiano da cidade:

²⁰ Movimento Armado que entre os anos de 1821 e 1822 disputou o controle do governo da província de Pernambuco, culminando com a deposição do governador Luís do Rego Barreto e expulsão dos exércitos portugueses do território pernambucano.

²¹ João Antônio Patrone, o então ajudante de ordens do governador Luís do Rego Barreto.

²² Designação dada a desertores do governo de Luís do Rego Barreto que aderiram a insurreição da Junta Governativa de Goiana.

²³ Lenda que tem origem em tradições indígenas de uma região que abrange a atual Colômbia e Venezuela, então chamada Terra Firme ou Terra Santa. Ouvida primeiros conquistadores espanhóis que se fixaram, no século XV e XVI, nessa região, se fundava na crença de que, durante a colonização do continente americano, se achariam outras cidades repletas de ouro e de muitos tesouros. A busca pelo Eldorado persistiu até o século XVIII. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/artigos/\\$o-eldorado](https://www.infopedia.pt/artigos/$o-eldorado). Acesso em: 05 ago. 2024.

19 de dezembro - Passeei a cavalo, ao lado de Langford²⁴, por um dos pequenos vales ao pé do Corcovado. É chamado Laranjeiros [Laranjeiras]²⁵, por causa das numerosas árvores de laranjas que crescem dos dois lados do pequeno rio que o embeleza e o fertiliza. Logo à entrada do vale, uma pequena planície [sic] verde espraia-se para ambos os lados, através da qual corre o riacho sôbre [sic] seu leito de pedras, oferecendo um lugar tentador para grupos de lavadeiras de tôdas [sic] as tonalidades, pôsto [sic] que o maior número seja de negras. E elas não enriquecem pouco o efeito pitoresco da cena. Geralmente usam um lenço vermelho ou branco em volta da cabeça, uma manta dobrada e presa sôbre [sic] um ombro e passando sob o braço oposto, com uma grande saia. É a vestimenta favorita. Algumas enrolam uma manta comprida em volta delas, como os indianos. Outras usam uma feia vestimenta europeia [sic], com um babadouro bem deselegante amarrado adiante. Em tórno [sic] da planície das lavadeiras, sebes de acácias e mimosas cercam os jardins, cheios de bananeiras, laranjeiras e outras frutas, que cercam cada vila (GRAHAM, 1956, p. 177-178).

Do olhar de Maria Graham ressaltamos, em sua obra, uma documentação sensível e romântica, mas também a necessidade de historicizar aspectos emblemáticos dos lugares e populações que se propôs a observar e relatar. Em essência, ascende em seus relatos aspirações políticas liberais da autora, caras ao projeto imperialista britânico²⁶, mas também uma sorte de descrições que permeiam o cotidiano das principais cidades litorâneas do século XIX.

Na primeira passagem, nota-se uma descrição romântica e fascinada, que ressalta a beleza negra como aspecto privilegiado da cena, ainda mais quando comparada ao Eldorado, cuja lenda se baseava em achados valiosos inigualáveis. A segunda descrição a cena pitoresca é criada em torno da caracterização de uma natureza emblemática e estarrecedora, que é quase sempre ressaltada em suas descrições, todavia, a cena social que ela encontra – um grupo de lavadeiras – se encarrega de enriquecer seu ‘efeito pitoresco’.

Dentre os relatos dos viajantes, podemos notar uma variedade de descrições que retratam o cotidiano e os costumes da gente de cor, em especial, das pretas mulheres em suas dinâmicas, reveladas sob o aspecto corriqueiro e usual das suas atividades ou sob o olhar sensível que vislumbra a beleza e a autenticidade mulher negra em pleno século XIX.

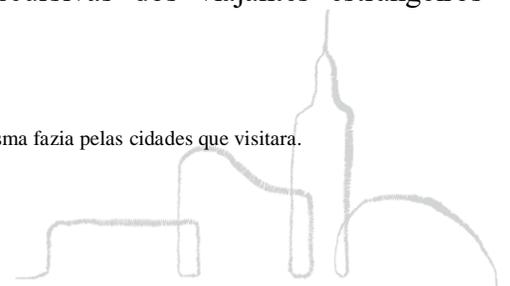
Considerações Finais

Como podemos notar, em boa parte dos relatos dos viajantes estrangeiros do século XIX, abordados neste artigo, encontramos referências de caráter estético atribuídas ao corpo negro feminino e/ou a cenas em que o corpo negro ascende como elemento exótico de contemplação, animosidade ou mesmo de arrebatamento. Nesse percurso, buscamos demonstrar como as percepções e trajetórias discursivas dos viajantes estrangeiros

²⁴ Guarda da marinha britânica que, em geral, acompanhava Maria Graham nos passeios e diligências que a mesma fazia pelas cidades que visitara.

²⁵ Acréscimo do tradutor da obra de Maria Graham, Américo Jacobina Lacombe.

²⁶ Tinha-se como projeto difundir o modelo britânico de civilidade pelo mundo.



constituíram imagens do Brasil e da sua gente para nações tidas como ‘civilizadas’, ávidas pela ideia de se explorar o exótico e o desconhecido que se encontrava do outro lado do Atlântico.

Suas obras, imbuídas pelo caráter exploratório e, por vezes, diletante, constroem a partir do corpo negro feminino, a estética do pitoresco ao buscar desvelar em suas caracterizações e narrativas a dimensão exótica, excêntrica e inabitual da gente de cor e dos seus costumes. Em grande medida, identificamos nos relatos, a construção de valores estéticos que aliam sentimentos opostos e contraditórios, mas complementares; faces de uma mesma moeda.

Assim, acreditamos que embora haja fascínio e deslumbramento nos relatos, há também indiferença e estranheza, demonstrando como a *literatura de viagem* é resultado dos diversos olhares que, de algum modo, buscavam decifrar, registrar, retratar e compor a realidade social e paisagística no Brasil Colônia.

Ao levar em consideração as múltiplas perspectivas do Brasil e dos brasileiros, os relatos de viajantes emergem como testemunhos valiosos que assinalam, inclusive, a aparência laboriosa e pujante das mulheres de cor, que constituíam a força motriz do trabalho nas principais zonas urbanas do século XIX. Desse modo, ressaltamos que embora a estética do pitoresco se reafirme como ponto de vista privilegiado pelo viajante como ateste do exotismo, da excentricidade e do estranhamento experimentado pelo observador estrangeiro, ela contribui, de algum modo, para demonstrar a prodigalidade estética e cultural da mulher negra, que tem seu corpo como estandarte de beleza, luta e de resistência.

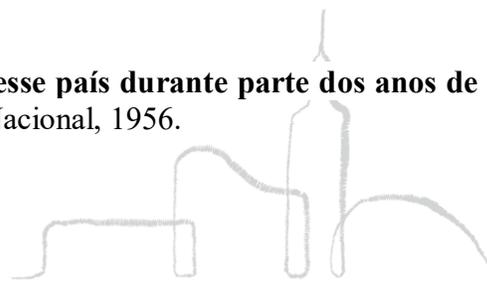
Referências

CHAMBERLAIN, Henry. **Vistas e costumes da cidade e arredores do Rio de Janeiro em 1819-1820**, segundo desenhos feitos pelo Tte. Chamberlain da artilharia real durante os anos de 1819 e 1820 com descrições. Tradução: Rubens Borba de Moraes. Rio de Janeiro/São Paulo: Kosmos, 1943.

DIAS, Olívia Biasin. **Olhares estrangeiros: impressões dos viajantes oitocentistas acerca da Bahia, sua diversidade racial e seu potencial para alcançar a civilização**. Orientadora: Prof^a Dr^a Edilece Souza Couto. 2013. 227 f. Tese (História Social). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2013.

DOMINGUES, A.: **Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais: a constituição de redes de informação no Império português em finais do Setecentos**. História, Ciências, Saúde - Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil e de uma estada nesse país durante parte dos anos de 1821, 1822 e 1823**. Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Nacional, 1956.



LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Tradução Francisco Moráz. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LEITE, Ilka Boa Ventura. **Antropologia da Viagem**: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

MARCONDES, Renato Leite. **O mercado brasileiro do século XIX**: uma visão por meio do comércio de cabotagem. Revista de Economia Política, vol. 32, nº 1 (126), pp. 142-166, janeiro-março/2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed, 1999.

PEIXOTO, Afrânio. **Breviário da Bahia**. Salvador: Agir, 1945.

SOARES, Moreira Cecília. **Mulher Negra na Bahia do Século XIX**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, 1994.

WETHERELL, James. **Brasil**: Apontamentos sobre a Bahia (1842 – 1857). Salvador : Ed. do Banco da Bahia, 1972.

